

JAPÃO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA VIAGEM

Cirlany Sousa Matos, Nívia de Cássia Teixeira Bellos

Resumo

Este relato de experiência tem como base uma viagem realizada ao Japão entre fevereiro e março de 2025, inicialmente motivada por interesses pessoais. No entanto, ao longo do percurso, uma das autoras, estudante da Especialização em Economia Solidária, Inovação e Gestão Social (EESIGS) passou a observar práticas cotidianas e culturais que dialogam com os princípios da economia solidária. A partir da técnica de observação direta, foram registrados exemplos nas cidades de Tóquio, Sapporo e Kioto que evidenciam formas de valorização da produção artesanal, preservação de saberes tradicionais, fortalecimento do comércio local e circulação de informações por meio de redes comunitárias. Embora essas práticas não sejam formalmente reconhecidas no Japão como parte da economia solidária, elas se aproximam dos conceitos discutidos por autores como Paul Singer, Jean-Louis Laville e Genauto França Filho, sobretudo no que diz respeito à economia plural, à solidariedade democrática e à construção coletiva. O texto reflete, ainda, sobre as possibilidades de comparação com o contexto brasileiro, reconhecendo as fragilidades e os desafios para a valorização de práticas similares no país. Por fim, destaca-se o papel formativo da especialização, permitindo transformar uma vivência pessoal em processo de análise crítica, tendo por principais aprendizados: a importância de cultivar um olhar investigativo para além do óbvio; o reconhecimento de que a economia solidária está presente em diversas formas de organização da vida, ainda que não institucionalizadas; e a certeza de que a formação acadêmica pode e deve contribuir com ressignificação de experiências seja localmente ou pelo mundo.

Palavras-chave

Japão; economia solidária; comércio local; observação direta.

Abstract

This experience report is based on a trip to Japan undertaken between February and March 2025, initially motivated by personal interests. However, throughout the journey, one of the authors, then a student in the Specialization Program in Solidarity Economy, Innovation, and Social Management (EESIGS) began to observe everyday and cultural practices that resonate with the principles of the Solidarity Economy. Using the technique of direct observation, examples were documented in the cities of Tokyo, Sapporo, and Kyoto that highlight the appreciation of artisanal production, the preservation of traditional knowledge, the strengthening of local commerce, and the circulation of information through community networks. Although these practices are not formally recognized in Japan as part of the Solidarity Economy, they align with concepts discussed by authors such as Paul Singer, Jean-Louis Laville, and Genauto França Filho, particularly regarding plural economy, democratic solidarity, and collective construction. The text also reflects on the possibilities for comparison with the Brazilian context, acknowledging the fragilities and challenges involved in valuing similar practices in the country. Finally, it emphasizes the formative role of the specialization program, which made it possible to transform a personal experience into a process of critical analysis. The main lessons learned include the importance of cultivating an investigative perspective beyond the obvious; recognizing that the Solidarity Economy is present in diverse forms of life organization, even when not institutionalized; and the certainty that academic education can, and should, contribute to the re-signification of experiences, whether locally or globally.

Keywords

Japan; solidarity economy; local commerce; direct observation.

INTRODUÇÃO

No senso comum, o Japão costuma ser associado à tecnologia de ponta, à modernidade e ao futurismo. No entanto, durante uma viagem de lazer realizada entre fevereiro e março de 2025, o que mais chamou a atenção de uma das autoras deste relato – Nívia de Cássia Teixeira Bellos – foi a forma como os elementos da tradição se entrelaçam com os avanços tecnológicos na vida cotidiana japonesa. Mais do que uma simples observação turística, essa percepção despertou inquietações e abriu um leque de reflexões, que resultaram na escrita deste relato.

As cenas e experiências vividas em cidades como Tóquio, Sapporo (região norte) e Kioto (região centro-sul) passaram a ser interpretadas à luz da formação acadêmica em andamento: a Especialização em Economia Solidária, Inovação e Gestão Social (EESIGS), da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Ao ingressar na primeira turma do curso, a

autora, que há mais de dez anos atua como designer gráfica, foi apresentada a um campo de conhecimento até então desconhecido: a economia solidária e a gestão social, que não apenas forneceram novos conceitos, mas ampliaram o olhar sobre o mundo, permitindo identificar práticas que antes passavam despercebidas ou eram vistas apenas como expressões culturais locais.

A partir desse novo olhar, construído no cruzamento entre a vivência profissional, a curiosidade pessoal e a formação acadêmica, surgiram conexões entre os conceitos estudados e as práticas observadas no Japão. A economia solidária, conforme afirma Laville (2023), caracteriza-se por atividades econômicas orientadas pela solidariedade democrática, na qual a produção de bens e serviços está voltada não apenas ao lucro, mas também ao bem comum. Tais princípios se materializam, por exemplo, em associações, cooperativas, bancos comunitários e negócios de base territorial, nos quais o social não é subordinado ao econômico, mas parte constitutiva da atividade.

O presente relato parte da técnica de observação direta, com registros feitos ao longo da viagem, combinando relatos pessoais, pesquisa complementar e reflexão crítica a partir das leituras da especialização e o compartilhamento das vivências nos encontros de tutoria. A experiência permitiu perceber como – em meio ao cenário de uma sociedade altamente desenvolvida e tecnologicamente avançada, capitalista e competitivista, que também é marcada pelo envelhecimento populacional e por desafios à manutenção da vida comunitária – encontram-se, contraditoriamente, práticas de valorização do território, da cultura e relações locais.

Assim, o objetivo deste relato é registrar exemplos observados no Japão e refletir sobre como eles podem inspirar caminhos para fortalecer o comércio local e as práticas de economia solidária em outros contextos, como o brasileiro. Ao olhar para o cotidiano japonês com lentes solidárias, compreendemos que a economia pode, sim, ser espaço de cuidado, pertencimento e construção de futuro coletivo.

O texto está organizado em três partes: a primeira é esta introdução; na segunda, compartilham-se exemplos vivenciados nas cidades visitadas, dialogando com os princípios solidários; e, na terceira, trazem-se considerações finais sobre os aprendizados dessa vivência e suas possíveis ressonâncias.

O JAPÃO À LUZ DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A viagem ao Japão, realizada com a intenção inicial de vivenciar uma nova cultura em caráter pessoal e turístico, tornou-se inesperadamente um campo de observação e reflexão sobre formas de organização econômica e social que dialogam, ainda que de maneira não institucionalizada, com os princípios da economia solidária. A transformação desse olhar só foi possível graças ao processo formativo proporcionado pela EESIGS, em curso pela autora, a partir dos conteúdos, debates e leituras realizadas ao longo da especialização que se ampliou a capacidade de perceber e nomear práticas que, anteriormente, passariam despercebidas ou seriam interpretadas apenas como “tradições culturais” ou “particularidades locais”.

No campo da economia solidária, autores como Paul Singer (2002) defendem que a construção de uma sociedade mais justa passa pela substituição da lógica da competição pela lógica da cooperação. Para Singer, a economia solidária é aquela em que os participantes produzem e distribuem riquezas de forma associativa e autogestionária, priorizando a igualdade, o bem comum e a valorização dos saberes coletivos. Já Laville (2009) amplia esse debate ao argumentar que a economia solidária representa uma rearticulação entre o econômico e o social, em que os vínculos de pertencimento, reciprocidade e solidariedade não são apenas complementares à atividade econômica, mas constituintes dela. Por sua vez, França Filho e Eynaud (2020) chamam atenção para a importância da “gestão solidária” como um processo construído por redes de cooperação em territórios, que dá sentido coletivo à ação econômica.

Ao observar o cotidiano em cidades como Tóquio, Sapporo e Kioto, foi possível identificar práticas que revelam proximidade com os princípios defendidos por esses autores. Trata-se de experiências baseadas na valorização do território, na preservação de saberes tradicionais, na visibilidade de pequenos produtores, muitas vezes mediados pela estética, pela cultura ou pela confiança entre consumidores e empreendedores.

Entre as características recorrentes observadas nas cidades visitadas, destacam-se três pontos principais: a preocupação em informar e facilitar o contato direto com pequenos negócios, indicando telefone, endereço e *site*, o que sugere uma estrutura de rede já organizada e uma relação de confiança entre produtor e consumidor; a ausência de práticas de desconto ou barganha como incentivo à compra, o que indica, por parte dos consumidores, um reconhecimento do valor simbólico, cultural e econômico dos produtos, mesmo quando feitos artesanalmente; e a valorização estética dos produtos como representação da identidade local, com forte presença de referências ao “Japão antigo”, sobretudo na produção de vestuário, objetos de decoração e produtos turísticos.

Essas observações iniciais apontam para uma lógica de consumo e produção que se afasta da massificação e da mercantilização impessoal e se aproxima do que Laville (2009) chama de “economia plural”, na qual diferentes formas de organização coexistem com as dinâmicas do mercado. A seguir, serão apresentados exemplos vivenciados em cada uma das cidades, com a intenção de compreender como esses princípios aparecem de forma prática e as possibilidades de fortalecimento da economia solidária no contexto brasileiro.

A CIDADE DE TÓQUIO: ENTRE A TRADIÇÃO ARTESANAL E REDES COMUNITÁRIAS

Ao chegar em Tóquio, cidade que por si só carrega as marcas do passado e do presente, foi possível observar como o tecido urbano japonês integra memória, estética e relações comunitárias em práticas cotidianas. Nesta seção, são apresentados três exemplos observados na região de Taito, que ilustram diferentes formas de valorização do trabalho artesanal, continuidade intergeracional de saberes e mobilização comunitária em torno da cultura local.

O primeiro exemplo, o Edo Taito Traditional Crafts Center, destaca-se como espaço de preservação de técnicas ancestrais do período Edo e de promoção direta dos artesãos. O segundo, a loja Kyugetsu, chama atenção pela permanência e valorização familiar do ofício artesanal na produção das tradicionais bonecas Hina. Já o terceiro exemplo, o Festival Tradicional Oku-Asakusa, revela como ações autônomas da própria comunidade contribuem para manter viva a história local e movimentar o comércio de bairro por meio da cultura. Esses três casos permitem refletir sobre como diferentes atores (artesãos, comerciantes, organizações e moradores) constroem redes de cooperação, pertencimento e valorização econômica a partir de práticas simbólicas, estéticas e territoriais, aproximando-se, mesmo que informalmente, dos princípios da economia solidária.

Edo Taito Traditional Crafts Center

Para entender o que torna o primeiro exemplo interessante, é necessário apresentar o contexto histórico japonês. O período Edo durou de 1603 até 1868 e é marcado por forte isolamento político-econômico, aplicação de leis muito rígidas, expansão populacional e valorização das artes. É também nesse período que a cidade de Tóquio se torna o centro administrativo do país (o antigo nome de Tóquio é Edo).

A região de Taito ganhou importância durante essa época, pois se tornou o centro de entretenimento com vários artesãos trabalhando próximo do templo budista Senso-ji – datado em 645 d.C. (o que torna um dos templos mais antigos do Japão). Isso se reflete até hoje na região, pois existe uma diversidade de pequenos comerciantes e artesãos, que vendem produtos como itens de couro, vestuário, calçados e até instrumentos musicais. Na imagem a seguir, podemos ver a localização de Taito:

Figura 1 – Mapa com a localização da região de Taito em destaque



Fonte: adaptado de Lincun (2012).

O Edo Taito Traditional Crafts Center fica em uma das lojas que compõem uma galeria comercial na sub-região de Asakusa. Nesse espaço, o visitante tem acesso a uma exposição de vários artigos feitos por artesãos locais, como: flechas, altares budistas, xilogravuras, pincéis, móveis e bolsas. O interessante desses artigos é que vários deles preservam as técnicas do período Edo, ou seja, muitas dessas peças resguardam a estética e o processo de fabricação. O Edo Taito Traditional Crafts Center se destaca não só por ser um espaço expositivo permanente, como também por permitir que os visitantes entrem em contato com os artesãos.

Figura 2 – Entrada do Edo Taito Traditional Crafts Center ao longo da galeria

Fonte: The Japan News (2022).

No Brasil, existe o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (Crab), que é mantido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), uma instituição que possui como missão “promover o artesanato brasileiro, fortalecendo a sua importância cultural, social e econômica” (Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, 2025). É possível realizar visitas às exposições, acessar uma biblioteca dedicada ao tema e também visitar uma loja com produtos do país inteiro.

Comparando as experiências brasileira e japonesa, ambas as instituições é possível perceber a preocupação de manter e valorizar os artesanatos e tudo aquilo que é produzido pelos moradores. Porém, como o Crab busca manter todos os estilos e de todos os territórios do Brasil, acaba sendo gerado outro grau de dificuldade e gestão do espaço. Somado ao fato de que não é possível contato direto com os artesãos, mesmo o *site* do Crab contendo uma seção denominada “Artesanato Brasil”, que permite visualizar os trabalhos por Estado, ainda assim o visitante pode ter algumas dificuldades, por exemplo: problema para carregar a página, nem todos os profissionais estão registrados ou possuem canais para o contato direto.

Ao pensar nesse exemplo a partir da economia solidária no Edo Taito Traditional Crafts Center, os artesãos locais expõem e comercializam produtos baseados em técnicas ancestrais do período Edo. Ao considerar que o espaço permite o contato direto entre visitantes e produtores, isso pode fortalecer laços sociais e valorizar o trabalho artesanal. Trata-se de

uma experiência alinhada ao que Laville (2009) chama de “coletivos de intervenção”, nos quais o modo de organização é indissociável dos objetivos sociais e ambientais da produção. A lógica não é a de massificação do consumo, mas a preservação da identidade cultural como ativo econômico.

O estabelecimento Kyugetsu

O segundo exemplo é o estabelecimento Kyugetsu, localizado na região de Taito. Essa empresa vende bonecas Hina, armaduras decorativas e arcos cerimoniais. Historicamente, não há uma data fixa para o surgimento delas ou um criador, mas há vários registros do seu uso ao longo de mil anos, pois acreditava-se que as bonecas protegiam crianças, especialmente meninas, de energias negativas. Essa relação com as bonecas cresceu, e hoje existe o Hina Matsuri (também conhecido como Festival da Menina). As bonecas Hina são um artigo de alto valor e feito de maneira totalmente artesanal. Na imagem a seguir, é possível ver um príncipe e uma princesa no valor de 128 mil ienes (R\$ 4.917,76). Outro fato interessante é o artesão Heian Takehisa III, que produz uma armadura decorativa e é formado em Design pela Universidade de Kioto, sendo ele a terceira geração de sua família a trabalhar com armaduras. Isso significa que ele teve a oportunidade de construir uma formação acadêmica e agregar aos conhecimentos herdados pelo seu pai.

Figura 3 – Vista do segundo andar do prédio da loja Kyugetsu



Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 4 – Preço de bonecas de príncipe e princesa

Fonte: elaborada pelas autoras.

O estabelecimento Kyugetsu chama a atenção porque no Brasil é difícil encontrar algo similar, ainda que seja no sentido de uma loja para um nicho artesanal, já que muitos estabelecimentos no Brasil reúnem vários itens distintos de artesanato (como é o caso do Crab ou de feiras locais) ou então aspectos culturais relacionados à produção artesanal brasileira. Como Araújo (2023) aborda em seu trabalho, no Brasil ainda se possui uma visão de valorizar aquilo que é estrangeiro e industrial – por ser algo de difícil acesso, enquanto o trabalho artesanal ainda é visto como algo de menor valor –, e parte dessa visão se deve ao histórico escravagista do país. Soma-se a esse fato o processo de industrialização e de criação de peças não foi construído de forma natural e considerando a cultura local.

Por outro lado, ao voltar-se para a economia solidária, a loja Kyugetsu destaca-se pela continuidade familiar do ofício, com técnicas transmitidas entre gerações. O artesão Heian Takehisa III exemplifica a articulação entre tradição e formação técnica contemporânea. Essa valorização dos saberes locais e das relações intergeracionais remete ao princípio da propriedade coletiva do saber (Singer, 2002) e à busca de uma economia baseada na solidariedade e não na competição.

Exemplo 3 – Festival Tradicional Oku-Asakusa

Durante a viagem, foi possível participar do Festival Tradicional Oku-Asakusa, que aconteceu no dia 23 de fevereiro no parque Sumida (também na região de Taito). Nesse festival, aconteceu uma série de apresentações como: música, dança, uma pequena apresentação

teatral e um cortejo relembrando o tempo antigo. Além das apresentações, também houve a distribuição de materiais impressos.

Segundo o material distribuído, o festival recorda a importância cultural que surgiu quando se iniciaram as atividades do distrito da luz vermelha chamada Yoshiwara (entre os anos de 1656 e 1658). Com o crescimento econômico, houve uma mistura social, já que o local poderia ser frequentado tanto por militares quanto por cidadãos locais. Uma outra explicação importante dada pelo mesmo material é que as cortesãs de alto nível podiam adquirir conhecimentos como: poesia, música, literatura e outros assuntos.

Figura 5 – Páginas do material do festival Oku-Asakusa, no canto inferior esquerdo é possível ver o mapa da região de Oku-Asakusa



Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 6 – Páginas do material do Festival Oku-Asakusa, no qual é apresentado diversas empresas locais de diferentes setores (hotelaria, alimentação e acessórios)



Fonte: elaborada pelas autoras.

Além de apresentar um pouco da história do local, também é possível conhecer pelo mesmo material os templos, santuários e alguns comércios, como: restaurantes, lojas de vestuários e apresentações musicais. No *site* da Associação de Turismo Oku-Asakusa (2025), a instituição afirma ter como objetivo atrair visitantes e revitalizar o bairro de Taito por meio da valorização e divulgação da cultura tradicional e popular Edo, preservada desde o período Edo e reconhecida tanto no Japão quanto internacionalmente.

Ações como essa são relevantes, já que reforçam o uso do turismo como uma atividade com capacidade de fomentar o comércio local. Mesmo sem uma ação direta da prefeitura, é evidente que os moradores conseguiram se estruturar – o que se aproxima dos apontamentos dados por França Filho e Eynaud (2024), já que para entender a gestão de solidariedade, deve-se primeiro observar como as redes de cooperação são formadas. Além disso, observa-se aqui uma organização de base comunitária autônoma, que se aproxima do conceito de coprodução de valor público desenvolvido por França Filho e Eynaud (2020). Os autores destacam que iniciativas como essa enriquecem o espaço público ao promover redes de cooperação em territórios, articulando cultura, economia e cidadania.

A CIDADE DE SAPPORO

Seguindo para o norte do Japão, a cidade de Sapporo, localizada na ilha de Hokkaido, trouxe outra camada de percepção sobre as práticas econômicas relacionadas ao território, por ser uma região voltada à agricultura, tendo por principais produtos: trigo (61%), leite (54%), batata (78%), abóbora (41%), cebola (62%) e beterraba (100%) (Department of Agriculture – Hokkaido Government, 2020). Além disso, apresenta uma forte ligação entre o que é produzido e o sentimento de pertencimento local. A observação de uma simples gôndola em uma loja de conveniência, dedicada exclusivamente a produtos alimentícios da própria ilha, abriu espaço para refletir sobre o fato de a origem dos produtos ser tratada como valor simbólico e diferencial competitivo.

Na cidade de Sapporo, encontra-se a rede Sacoma, que, segundo o *site* da instituição, é composta por lojas de conveniência chamadas Seicomart, com produtos com marcas próprias e uma rede de logística na ilha de Hokkaido. O sistema de lojas com produtos de marca própria já existe no Brasil (como é o caso do grupo Pão de Açúcar). Destaca-se aqui a existência de um display de produtos locais: uma gôndola com doces e salgadinhos todos indicando que são originários da ilha (Figura 7).

Figura 7 – Exemplos de gôndola de produtos locais da rede de conveniência Seicomart em Sapporo (destaque para o mapa na parte superior da gôndola)



Fotógrafo: Rennan Mendes.

Essa postura da rede Seicomart se alinha com alguns dos princípios da economia solidária – no caso, o de proporcionar a sustentabilidade econômica e gerar renda aos moradores, isso por meio da comercialização e da divulgação dos produtos. Ao longo da viagem, vários estabelecimentos utilizavam o argumento da origem local dos produtos como positivo e algo que agregava valor (o famoso “Made in Japan”), contudo, em Hokkaido, havia um destaque principalmente para os itens produzidos naquela ilha. Ainda que essa prática não

esteja estruturada como uma política solidária formal, ela mostra como o sentimento de pertencimento e a consciência coletiva sobre o território podem se manifestar também na organização do consumo.

A CIDADE DE KIOTO

Kioto, antiga capital imperial do Japão e referência mundial em tradição cultural, foi o último destino da viagem. Diferente das outras cidades, onde os exemplos estavam diretamente relacionados à preservação histórica ou à produção artesanal, o que se destacou aqui foram iniciativas que revelam a articulação entre cultura, comunicação comunitária e colaboração entre diferentes atores. Nesse tópico, dois exemplos chamaram atenção: uma linha especial de produtos criados por artesãos locais em parceria com a loja oficial da Nintendo e a distribuição gratuita da revista *Hankei 500m*, que apresenta comércios e personagens do bairro em que circula.

Exemplo 1 – Nintendo Kioto

Um caso atípico, mas relevante, é o da Nintendo Kioto. A Nintendo é uma das principais empresas japonesas com reconhecimento mundial. Dentro do Japão, ainda que as lojas apresentem alguns detalhes que as diferenciam, no geral é possível encontrar vários produtos oficiais: consoles, jogos, bonecos e até itens para casa. Em Kioto, o que chamou a atenção foi uma linha de produtos de edição limitada composta por seis peças (bolsa, gravata, leque, sacola e uma caixa), cujo trabalho de estamparia era composto pelos personagens da Nintendo e todos eram feitos por empresas da mesma cidade com seus respectivos contatos.

Dessa forma, a Nintendo também funciona como uma plataforma de divulgação desses profissionais e seus trabalhos, destacando suas marcas e formas de contactá-los. Tal experiência, ainda que inserida na lógica do mercado, se aproxima da noção de interface solidária descrita por Laville (2009), na medida em que contribui para a circulação de bens simbólicos e para a valorização do trabalho artesanal, respeitando sua identidade.

Figura 8 – Exemplo de um dos produtos de edição limitada da Nintendo Kioto (destaque para a marca da loja no canto superior direito)



Fonte: Nintendo Life.

Exemplo 2 – revista *Hankei 500m*

No *site* da revista (2025), é possível acessar alguns dos artigos que foram publicados em uma versão resumida e um *podcast* feito pelo grupo editorial – o que demonstra uma preocupação de o conteúdo ocupar diferentes formatos de mídia. Em relação ao financiamento do projeto, não há custo para o leitor – o que demonstra um cuidado em tornar a revista acessível e facilitar a divulgação. Segundo o próprio editor-chefe, a equipe editorial, em parcerias com outras empresas, elabora outros conteúdos, ou seja: da edição 83, há entrevista com cinco pessoas (que vai da página 6 até a página 15) – nessas páginas a editora não recebe nenhum dinheiro. A partir da página 16 até a o final da publicação (que se encerra na página 43), os conteúdos foram elaborados em parcerias com outras empresas, e isso sim é cobrado pelos custos da produção do conteúdo, além de pequenos espaços publicitários. Na Figura 9, apresentam-se algumas páginas e a capa da revista; já no sumário é possível ver o rosto dos entrevistados da edição e também um mapa que demonstra em detalhes a parte da cidade de Kioto percorrida pela equipe editorial.

Figura 9 – Algumas páginas e a capa da revista *Hankei 500m* – edição 83

Capa



Sumário



Mapa da região

Fonte: elaborada pelas autoras.

Outra informação relevante encontrada no *site* é a tiragem de trinta mil cópias com páginas totalmente coloridas e com a periodicidade a cada dois meses. Para compreender a relevância dessa tiragem, vale a pena fazer algumas comparações: segundos os dados apresentados pelo Portal Comunique-se (2022), várias revistas brasileiras tiveram uma queda em suas versões impressas – um exemplo é da revista *Quatro Rodas*, que vendia 47.537 mil exemplares em 2020 e passou para 41.727 mil exemplares em 2021 (uma queda de 12%). Outro exemplo é dos livros brasileiros, cuja tiragem média é de três mil exemplares – segundo dados coletados pelo Portal G1 (2020). Em outras palavras, em uma única cidade circula uma revista de maneira gratuita com uma tiragem próxima da revista *Quatro Rodas*, que circula no Brasil inteiro. Mesmo sabendo das diferenças territoriais entre os dois países, é impossível não perceber o impacto da diferença cultural sobre o hábito de leitura e como isso se torna uma vantagem de comunicação para o cenário comercial.

Desse modo, ambas as experiências evidenciam como grandes empresas e veículos de mídia podem atuar como plataformas de valorização da produção local e dos vínculos comunitários, promovendo visibilidade a quem está nas margens do mercado tradicional. Seja na estampa de uma sacola ou em uma matéria de revista, o que se vê é a circulação de uma economia simbólica que respeita as identidades, amplia o alcance de pequenos negócios e contribui para a vitalidade econômica dos bairros. Nesse sentido, tanto a Nintendo quanto a equipe editorial da *Hankei 500m* acabam, mesmo que de forma indireta, mobilizando princípios da economia solidária ao fomentar redes de colaboração, pertencimento e democratização da informação (Laville, 2009).

Portanto, esse olhar sobre essas experiências tornou-se possível a partir da vivência na especialização, ao demonstrar que é possível encontrar práticas solidárias nos lugares mais inesperados, mesmo onde predominam estruturas de mercado convencionais. Encerrar a viagem com essas percepções foi também reconhecer que o conhecimento construído em sala de aula não fica restrito ao campo teórico: ele atravessa fronteiras, desloca sentidos e transforma a forma como caminhamos pelo mundo. A seguir, compartilho os principais aprendizados que essa travessia me proporcionou enquanto estudante, profissional e cidadã.

CONSIDERAÇÕES

Ao iniciar a EESIGS, não imaginava o quanto esse percurso formativo transformaria minha forma de enxergar o mundo. A viagem ao Japão, inicialmente planejada como um momento de descanso e descoberta cultural, acabou se tornando uma oportunidade de aplicar, na prática, os conceitos estudados ao longo do curso. Foi por meio da formação teórica, das leituras, debates e vivências compartilhadas na especialização que construí um novo olhar, mais atento, sensível e conectado às dinâmicas sociais, culturais e econômicas que compõem os territórios.

Os exemplos observados nas cidades de Tóquio, Sapporo e Kioto revelaram que, mesmo em uma sociedade altamente tecnológica e urbanizada, há espaço para práticas que dialogam com os princípios da economia solidária, como: a valorização dos saberes locais, a continuidade intergeracional de ofícios, o fortalecimento do comércio de bairro, a comunicação de proximidade e a colaboração entre diferentes atores. Embora tais experiências não sejam nomeadas como solidárias no contexto japonês, elas demonstram que outra economia é possível e de muitas formas já acontece.

Ao comparar essas vivências com o cenário brasileiro, emergem contrastes e provocações importantes. No Japão, o artesanato e a produção local parecem ocupar um lugar de respeito e prestígio, enquanto, no Brasil, muitos desses saberes ainda são invisibilizados ou tratados como menores pela ausência de políticas públicas mais estruturadas, somada à lógica de valorização do que é estrangeiro, impondo, de certo modo, barreiras à valorização da produção artesanal e comunitária em larga escala no país. No entanto, reconhecer essas diferenças não significa assumir um discurso de inferioridade, mas sim ampliar a consciência sobre os caminhos que ainda é preciso percorrer coletivamente.

Como estudante, esse processo foi marcado por três grandes aprendizados: (a) a importância de cultivar um olhar investigativo para além do óbvio; (b) o reconhecimento de que a economia solidária está presente em diversas formas de organização da vida, ainda que não institucionalizadas; e (c) a certeza de que a formação acadêmica pode e deve contribuir com resignificação de experiências seja localmente ou pelo mundo. Mais do que conceitos e autores, a especialização oferece ferramentas para pensar a realidade de forma crítica e criativa, conectando teoria e prática.

Retorno dessa experiência com a sensação de que é preciso, cada vez mais, fortalecer os espaços de formação que promovem esse tipo de reflexão, pois é através deles que é possível

reconhecer, valorizar e defender aquilo que, por muito tempo, esteve invisível: as múltiplas formas de fazer economia com sentido, vínculo e solidariedade.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (2024). Lei nº 15.068, de 23 de dezembro de 2024. Lei sobre os empreendimentos de economia solidária e a Política Nacional de Economia Solidária. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF.
- Centro de Referência do Artesanato Brasileiro; Sebrae. (2025). **Home**. Rio de Janeiro, RJ.
- Department of Agriculture – Hokkaido Government. (2020). **Agriculture in Hokkaido Japan**. Sapporo, JP.
- Edo Taito Traditional Crafts Center. (2025). **Home**. Tóquio, JP.
- França Filho, G., & Eynaud, P. Em busca de uma outra gestão. *In*: França Filho, G., & Eynaud, P. (2020). **Solidariedade e organizações**: pensar uma outra organização. Salvador, BA: Ateliê de Humanidades. p. 203-264.
- França Filho, G., & Eynaud, P. (2024). **Solidariedade e organizações**: pensar uma outra gestão. Rio de Janeiro, RJ: Atelier de Humanidades.
- Kyugetsu. (2025). **Home**. Fukuoka, JP.
- Laville, J.-L. (2009). A economia solidária: um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, PT, p. 7-47.
- Laville, J.-L. (2023). **Uma economia para a sociedade**: terceiro setor, economia social e economia solidária. Rio de Janeiro, RJ: Atelier de Humanidades.
- Lincun. (2012). Tokyo special wards map [Mapa]. **Wikimedia Commons**, [s. l.].
- Oku-Asakusa. (2018). **Objetivos do estabelecimento**. Tóquio, JP.
- Singer, P. (2002). **Introdução à economia solidária**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.
- The Japan News. (2022). Traditional crafts add local flair to Tokyo museum. **The Japan News**, Tóquio, JP.